

**Os imigrantes nas crônicas de Lima Barreto: tensões e contribuições na cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX**

Celi Silva Gomes de Freitas\*

A imigração representa um dos temas de interesse para a pesquisa histórica que se debruça sobre os processos de transformação da sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. Os imigrantes assumiram papéis diversos, fizeram história e se tornaram personagens de histórias relatadas em inúmeros artigos e crônicas, dos quais selecionamos alguns, escritos por Lima Barreto (1881-1922), para se constituírem em *corpus* documental de estudo da imigração na vida social brasileira, especialmente na carioca.

Lima Barreto e seus interlocutores, como Antônio Noronha Santos, viveram quase todo o tempo na cidade do Rio de Janeiro, dela afastando-se muito pouco e, por conseguinte, mantendo com ela uma relação de profunda intimidade: “Aqui vivíamos enjaulados num sempiterno quadrilátero: avenida, Ouvidor, Uruguaiana, São José, de dia. Ao cair da tarde, o Largo de São Francisco, as petisqueiras. À noite, a Lapa.” (SANTOS, 1961: 9). Estão postos na citação os limites do Centro Histórico, região por onde a boemia intelectual circulava, e *locus* do “bota-abaixo”. Assim, a “era das demolições” representou a busca de superação efetiva das marcas da cidade colonial escravocrata, e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências da modernidade.

Na posição de “intelectual-negro” (FREITAS, 2003: 95-123), o “carioca da gema” Afonso Henriques de Lima Barreto enxergou a superposição de novas e velhas contradições da nova ordem republicana. A defesa da preservação da história da cidade sobrepôs-se ao debate acerca da complexidade das relações entre o antigo e o moderno, o feio e o bonito. “O Rio civiliza-se” (BARRETO, 1915/1956: 83), escreveu para recolocar em cena os africanos, imigrantes pioneiros trazidos compulsoriamente para se tornarem escravos, e seus descendentes:

*A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. (BARRETO, 1915/1956: 82-83)*

Observamos que Barreto buscou alargar o campo de análise, interligando uma questão fundamental de identidade nacional à da submissão a modelos da ordem internacional. A

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

memória da escravidão africana, e ainda mais, a da longa duração do tráfico negreiro, foi trazida de forma contundente e colocada lado a lado com as marcas do novo e desejável espaço urbano em construção. A crítica à modernidade importada fez-se pela estratégia da ironia, dominante no discurso barretiano: “Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão” (BARRETO, 1911/1961: 86) – refletiu Lima Barreto, contrapondo à expressão “*belle époque tropical*”, consagrada para representar o modelo vencedor, duas outras, “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”. Como efeito de sentido de maior interesse para nossa análise, destacamos a inversão de perspectiva, que transformou o que antes era positivo em “*belle époque tropical*”, em expressões com conotação negativa pelo uso de “barato” e “de tostão” para qualificar a nossa modernidade republicana de inspiração “forasteira”. Ao mesmo tempo em que combatia a influência “adventícia”, Barreto mantinha um olhar de simpatia para com os trabalhadores – fossem eles os imigrantes pobres de origem européia ou os descendentes dos povos africanos – todos juntos e retratados em uma imagem de cores fortes na crônica “O Trem dos Subúrbios”:

*A segunda classe dos nossos vagões de trens de subúrbios não é assim tão homogênea. (...) Porém, a indumentária variegada merecia que um lápis hábil a registrasse. Aquelas crioulas e mulatas inteiramente de branco, branco vestido, meias, sapatos, ao lado de portugueses ainda com restos de vestuários da terra natal; os uniformes de cáqui de várias corporações; os em mangas de camisas e algum exótico jaquetão de inverno europeu, acompanhado do indefectível cachimbo – tudo isso forma um conjunto digno de um lápis ou de um pincel.* (BARRETO, 1921/1961: 241-242)

Frente às posições hegemônicas acerca das questões internacionais, nacionais ou locais que atravessaram seu tempo, Lima Barreto trilhou, com paixão e risco, o caminho menos fácil da análise crítica através de uma “narratividade delinqüente” (DE CERTEAU, 1994: 217). Ao expandir o campo de análise, dessa maneira, Barreto buscou, ao refletir sobre as questões fundamentais da identidade brasileira, enxergar os imigrantes, de diferentes raças e etnias, e pensar a “questão do outro” (TODOROV, 1999: 299-303) no contexto político duríssimo do “entre-guerras”. Enquanto passageiros de um mesmo vagão de segunda classe de um trem suburbano, “negros, mestiços e estrangeiros pobres tornaram-se companheiros de uma mesma aventura” (MENEZES, 1996: 45), a de lutar por direitos na nova ordem republicana.

Na crônica “Palavras de um **Snob** Anarquista”, Lima Barreto voltou ao século XVI em busca de argumentos historicamente fundamentados para debater o anarquismo, uma das questões da modernidade:

*Agora vejam este trecho do velho Frei Vicente do Salvador, quando trata, na sua História do Brasil, dos casamentos e criação dos filhos entre o gentio do Brasil: “Não é fácil imaginar, maiormente entre os*

*principais que têm muitas mulheres, qual seja a verdadeira e legítima, porque nenhum contrato exprimem, e facilmente deixam umas e tomam outras, mas, etc.”*

*No meio dos selvagens que tinham sobre a família idéias e concepções diferentes das suas, o aventureiro português tem da mesma criação social as noções de um homem cuja mentalidade foi sujeita à disciplina da igreja católica e dos seus institutos; e como tal se comporta durante vinte e cinco anos num meio intrinsecamente desfavorável. (BARRETO,1913/1961:215)*

Observamos que Lima Barreto foi buscar na história colonial brasileira os primeiros relatos sobre as visões das culturas dos povos indígenas segundo o ponto de vista dos conquistadores portugueses, na condição de representantes da “civilização” da Europa ocidental nas terras do “novo mundo”. Personificada no encontro entre o “aventureiro português” e o “selvagem” na citação, essa imagem explicitou outros argumentos, para mostrar que a atitude de “assimilação do outro” pelo filtro das próprias idéias e concepções resultava em leituras equivocadas da cultura do outro:

*Quando no século XVI, as primeiras naus portuguesas trouxeram para o Brasil conquistadores, guerreiros, padres e aventureiros, trouxeram também com eles as suas idéias de propriedade, de honra, de casta, de pátria, de rei e de Deus; e nunca mais os que ficaram deixaram de receber de lá essas idéias ou as modificações que elas foram sofrendo. Não houve, portanto, uma diferenciação de civilização, nas suas bases primordiais. (BARRETO 1913/1961:214)*

Segundo a interpretação que fazemos do discurso barretiano, como não houve uma “diferenciação de civilização” entre o Brasil e a Europa ocidental, então, o movimento anarquista poderia ser assumido “desinteressadamente” por brasileiros ou estrangeiros, na medida em que as “condições (...) da civilização do Brasil” também o garantiam.

Barreto usou o espaço da crônica, publicada no calor das manifestações operárias pelo dia 1º de maio e no mesmo ano da realização do II Congresso Operário Brasileiro para escrever suas “palavras”. Identificando-se como “um **Snob** Anarquista”, combateu o posicionamento hegemônico de que os anarquistas eram os outros, ou seja, os estrangeiros:

*As condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista. Se a de lá está carunchosa, a de aqui também; uma é tão antiga quanto a outra; e convém lembrar também que é inútil nesta questão indagar-se se se é ou não de tal país, quando os jornalistas não se indagam deles mesmos se são ou não brasileiros, para se fazerem pinheiristas ou dantistas. (BARRETO,1913/1961:218)*

Na passagem, os “pinheiristas” representavam os membros ou simpatizantes do Partido Republicano Conservador, de sustentação política ao presidente Hermes da Fonseca (1910-1914) (GOMES,2002:72). Como efeito de sentido da comparação, Barreto aproveitou para criticar “os jornalistas”, os quais, segundo suas palavras, opinavam irrefletidamente e assumiam posturas conservadoras acerca dos grandes temas nacionais. Na crônica “São Paulo e os estrangeiros”, Barreto acrescentou a questão da imigração destinada à lavoura cafeeira, para aprofundar sua crítica às posturas dos governos federal e estadual paulista no trato com os imigrantes pobres,

após a queda do comércio do café e os conseqüentes movimentos de protesto dos trabalhadores imigrantes, que haviam sido atraídos “em chusma” pela promessa de “abastança” garantida pela propaganda oficial:

*Os governantes do Estado [de São Paulo], que influíam quase soberanamente nas decisões da União, deixaram de fazer a tal propaganda do Estado no estrangeiro, mas aumentaram a polícia, para a qual adquiriram instrutores e mortíferas metralhadoras e deram em excomungar os estrangeiros a que chamam de anarquistas, de inimigos da ordem social, esquecidos de que andavam antes a proclamar que a elegância da sua capital, os seus lambrequins, as suas fanfrelhiches eram devidas a eles, sobretudo aos italianos. A influência dos estrangeiros, diziam, fez de São Paulo a única coisa decente do Brasil.(BARRETO,1917/1961:54)*

Enquanto a entrada do movimento anarquista no Brasil recebeu aprovação de Lima Barreto, sua crítica às influências dos Estados Unidos na sociedade brasileira foi implacável, como na crônica “A Questão dos ‘Poveiros’”, na qual ele combateu os “doutrinários” que detinham o poder do pensamento hegemônico na “sua singular teoria” de imitar os Estados Unidos em tudo, especialmente nas relações raciais entre negros e brancos, que lá como cá discriminavam a “gente com sangue negro nas veias” (BARRETO,1917/1961:53), como ele próprio.

Nas ruas, nas calçadas, nos terraços, nas mesas dos cafés da nova Avenida Central, os “sem esperança” como Lima Barreto teimavam em permanecer e ocupar um espaço que se modificava e se especializava, como bem demonstrava a moda em geral e o vestuário feminino em particular. No levantamento de imagens que refletissem as referências e tendências da moda naquele espaço-tempo da cidade-capital brasileira das primeiras décadas da República, entendemos a moda como um “sintoma” da modernidade (BAUDELAIRE,1996:25).

Para além da questão da moda feminina, observamos que Lima Barreto buscou refletir sobre a situação das mulheres e as mudanças que estavam em curso na sociedade de seu tempo: “Uma tarde no Café Papagaio, vendo passar pela Rua Gonçalves Dias afora, de baixo para cima, de um lado para outro, grandes mulheres estrangeiras, cheias de jóias, com espantosos chapéus de altas plumas, ao jeito de velas enfunadas ao vento...” (BARRETO,1962:103). Frequentemente citada nos textos de historiadores, a imagem dos “espantosos chapéus de altas plumas” associada às “velas enfunadas” das caravelas que trouxeram para as terras da futura nação brasileira os primeiros colonizadores portugueses produziu uma bela metáfora com base na nossa História, introduzindo no cenário da moda a questão da submissão a orientações e concepções estrangeiras.

A imitação da moda européia obrigava as mulheres a sacrifícios como o de se ultradecotarem em “dias frios e úmidos” (BARRETO,1920/1956:235). Ao criticar a inadequação

do vestuário em função do clima na cidade, Barreto estava apontando para a necessidade de reconhecimento das muitas diferenças que distinguiam o Rio de Paris, como as climáticas, por exemplo. Entretanto, o significado mais importante era que o passeio de “senhoras” abundantemente decotadas pelas ruas elegantes da cidade colocava à prova os costumes, trazendo embaraços, obrigando a mudanças, criando novas práticas e representações.

Ainda fazendo uso do processo discursivo irônico, Lima Barreto sugeriu na mesma crônica, “Modas Femininas e Outras”, a nomeação de uma comissão, constituída por “sacerdotes e sacerdotisas de todas as religiões, inclusive a de Vênus, estetas acadêmicos ou não, membros da Liga pela Moralidade, da Defesa Nacional e Nacionalista e, mais ainda, alguns negociantes de fazendas, fitas e bugingangas”. Essa “Comissão de Modas Femininas”, após conseguir se entender e concluir seu trabalho, apresentaria um projeto ao “Parlamento Nacional” com os critérios que serviriam de base para definir “os comprimentos dos saíotes e dos decotes, fixando o que podia ser visto ou não”. Na composição da comissão, Barreto incluiu alguns dos segmentos mais conservadores da sociedade, explicitando as tensões permanentes entre moda e costumes, entre o estrangeiro e o nacional.

Por último, trazemos do *corpus* documental, no qual pesquisamos algumas imagens da imigração na sociedade carioca da aurora republicana, a crônica “Uma Conversa”, que utiliza a estratégia discursiva do diálogo entre dois amigos para focalizar a temática da beleza:

*[Zeca Magalhães] Pegou do copo e sorveu um segundo chope, enquanto eu via, numa mesa ao lado, um gordo alemão com um focinho de porco Yorkshire, acompanhado da mais linda alemã que foi dado aos olhos de um carioca, que nunca saiu da sua cidade natal, ver e contemplar.*

*- Zeca, disse eu, a meia voz, vê que alemã bonita.*

*Era disso mesmo que eu queria falar, fez ele descansando o copo.*

*- Da alemã?*

*- Relaciona-se. Eu estava no teatro... Foi há vinte anos, ou mais. Estava no teatro, no jardim, quando vi uma mulher. Que beleza era! Tinha uns olhos, um nariz! E que boca! (BARRETO, 1961:237)*

Na passagem, o olhar “de um carioca, que nunca saiu de sua cidade natal” descreveu fisicamente o alemão e a alemã, distinguindo os dois sexos pela beleza, apresentada como um atributo exclusivamente feminino. A imagem da “alemã bonita” trouxe de volta do passado de Zeca Magalhães, o amigo do narrador, um acontecimento que se atualizava como fenômeno que “não me [lhe] saiu da cabeça”. Em sua narrativa, Magalhães referiu-se à estranha experiência de ver duas imagens diferentes de uma mesma mulher, uma italiana, que encontrara em dois momentos distintos, com o intervalo de uma noite:

*Eu a tinha visto no teatro, em plena integridade dos meus sentidos; tinha analisado detalhadamente – como era então que a mulher que eu via, às oito horas da tarde, não era a mesma de quem me despedi às seis da manhã do dia seguinte? (...) Estava doido naquela noite! pensei. Rememorei o que fizera naquele*

*dia e nos precedentes ao meu encontro com a tal italiana. Lembrei-me que tinha recebido umas estampas de grandes obras de escultura e, na sua contemplação, gastara horas seguidas de uma atenção absorvente. Estava aí a causa do erro! Sobre os seus traços verdadeiros, ou antes, os mais reais, eu tinha depositado a imagem anterior da grande beleza que me ficara do livro; e, quando de manhã, com a fadiga, etc., ela se esvaiu, ficou mais ou menos a mulher comum, fugindo por completo a idéia anterior com que eu a revestira. Daí concluí, não sem ligeireza, que essa nossa mania de beleza é um contágio dos delirantes sonhos de alguns homens, dados a loucuras de Arte, exacerbados com os delírios das tradições de antigas raças e sofrendo a tirania dos ideais belos; é que as nossas sensações são interpretadas pelo nosso entendimento, de acordo com as imagens de certos padrões que já estamos predispostos a recebê-las...* (BARRETO,1961:237)

A partir da interpretação que fizemos das palavras de Lima Barreto, colhemos a evidência de que as imagens, quando contempladas demorada e atentamente, tinham o poder de sobrepor-se aos “traços verdadeiros, ou antes, os mais reais” de alguém, trazendo a reflexão acerca da “tirania dos ideais belos”, que exigia a obediência a “certos padrões”, recebidos e “exacerbados com os delírios das tradições de antigas raças”. Cabia, portanto, desconfiar das próprias sensações para discernir com clareza e “sem ligeireza” os “delirantes sonhos”, as práticas e suas representações. Não seria essa uma boa orientação para quem, como nós, trabalha com imagens na investigação de temas como a imigração?

## Resumo

A intenção da presente comunicação é contribuir para a identificação de textos de literatos como *corpus* documental para o estudo da imigração na vida social brasileira. Da obra de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), recortamos um conjunto de artigos e crônicas escritos entre 1911 e 1922, no qual são apresentadas situações que envolvem diferentes aspectos das interações sociais entre brasileiros e imigrantes realizadas no espaço público.

Palavras-chave: imagens da imigração – História e Literatura – Lima Barreto

## Abstract

This paper aims to help in bringing about a significant amount of men of letters' production as documental *corpus* to study immigration in Brazilian social life. From Afonso Henriques de Lima Barreto's work, a writer who lived in Rio de Janeiro from 1881 to 1922, we have selected some articles and chronicles, in order to show situations that reveal different aspects of Brazilian and immigrant social relationship in public space.

Key-words: immigration images – History and Literature – Lima Barreto

## Referências bibliográficas

### a) Obras de Lima Barreto:

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Obras de Lima Barreto*. 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962: Vols. IV: *Vida e Morte de M. J. Gonzaga* (Romance); VI: *Histórias e sonhos* (Contos); IX: *Bagatelas* (Artigos); X: *Feiras e Mafuás* (Artigos e Crônicas); XI: *Vida Urbana* (Artigos e Crônicas); XII: *Marginália* (Artigos e Crônicas).

**b) Outros títulos:**

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. [Org. Teixeira Coelho]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Col. Leitura).

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. [Trad. Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREITAS, Celi Silva Gomes de. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto*. Rio de Janeiro, RJ, 2003. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

GOMES, Angela de Castro, PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. [Trad. Mário Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis. Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

SANTOS, Francisco Agenor de Noronha. *As freguesias do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universida de/UFRS, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. [Trad. Beatriz Perrone-Moisés]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.